

O Corpo Biografemático: Clarice Lispector

Autor: Alexandre Castro de Farias (Mestrando em História-UFCG)
Orientador: Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (História-UFCG)

O que aqui se propõe é um estudo dessa outra forma de amizade: a amizade na escrita das correspondências. De Deleuze a Foucault, é amizade como uma categoria ou uma condição do próprio pensamento; de Blanchot a Derrida, a amizade como pensamento do talvez, ralação com o outro que se inscreve na separação absoluta, na distância tomada ou no desconhecimento que é a resposta própria a uma amizade imemorial que não se deixa escolher ou até mesmo viver no atual, pois faz parte de uma experiência da espera e se coloca no lugar onde uma responsabilidade de um para outro se abre ao inesperado e à exceção, à vinda do que vem. É este espaço da ética, morada e limite do pensamento, que agora temos de pensar. Desse modo, a partir do estudo de algumas cartas da escritora Clarice Lispector, procuramos refletir sobre as formas da amizade na literatura de si das correspondências, a relação singular tecida entre o trabalho de si para consigo e para com o outro e o caráter ético e estético do sujeito que se fabrica no espaço dialógico da amizade e das epístolas. Literatura menor, feita da dobra da escrita sobre si, pois se tratará, nela, de desprender o sujeito de si, transformação exercida mediante o ato de escrever enquanto prática de si. Estas teias da escrita da amizade sobre si mesmo serão o tema, apenas o interminável exergo a uma tarefa poética.

Palavras-chave: amizade, correspondências, escrita, ética

A OUTRA FORMA DE AMIZADE: CORRESPONDÊNCIAS E ARTES DE SI

Clarice Lispector: corpo constituído na história por uma escrita de si. Este será o nosso objeto de estudo. Refletimos como a escritora esculpe a si mesma no espaço intersubjetivo da escrita epistolar, como cria uma estética de si no jogo que se desdobra entre o confronto com o olhar do outro a quem se destina e o saber de si, e também como é produzida por um conjunto de textos/vozes que se unem ou se fragmentam para dar-lhe visibilidade enquanto rosto singular, corpo escrito à posteridade de sua inscrição no tempo. A partir de algumas premissas de cartas clariceanas e do lugar etho-poético de sua escrita, procuramos algumas entradas entre a escrita epistolar e a fabricação de si como sujeito ético e estético no campo da amizade e da correspondência, a destinação desta relação e sua relação com a destinação. Como Clarice Lispector torna-se aquilo

que se é? É uma rostidade que se anuncia, um texto que se dar a ler: de que tecido é a costura, de que escrita é a (d)obra? Nome que se remarca, Clarice Lispector será a margem de indecisão de um simples nome ou chamamento que se dá a ver ou a ouvir, seu sentido ou mesmo sua significação será precária, revogável, reversível, a escritura será incompleta. As teias biografemáticas da amizade: será o tema, apenas o interminável exergo a uma tarefa poética. Releiamos a escuta, visitemos a sutileza, a fragilidade, a complexidade, a bela textualidade, poesia e elegância de um mundo da correspondência e da autoria de si mesmo que vamos adentrar, olhar, nele acreditar e, neste estar, de-morar.

Trabalho inscrito em uma pesquisa sobre a teoria e a história dos modos de subjetivação, trata-se aqui de questionar *a fabricação de si* do sujeito no espaço dialógico da amizade e da escrita epistolar. Interessa-nos aqui as estratégias a que recorre um indivíduo escritor de cartas (o sujeito de uma prática), que faz do próprio ato de enunciar-se, o gesto de construir e reinventar a si próprio, para si e para seu destinatário (o amigo). Cartas de Clarice: a partir do estudo das suas correspondências trocadas com as irmãs, amigos e intelectuais entre as décadas de 1940 e 1970, questionamos o processo de *subjetivação*¹ e de *constituição de si* da escritora nos laços intersubjetivos criados por este tipo peculiar de escritura que é a carta; levando assim a um estudo do caráter ético e estético do sujeito que se fabrica no espaço dialógico das correspondências, que elabora retratos singulares de si através das missivas. Problematizamos a fabricação de si de Clarice Lispector, as relações de si para consigo e para com os outros e o estabelecimento, através da escritura epistolar, das *formas de si*: de ser, estar, sentir.

A fabricação de si, as redes da escrita epistolar, as teias da amizade: aqui a escrita aparecerá como uma escrita da relação a si mesma para Clarice Lispector através das

¹ A *subjetivação* é a operação própria a uma arte de viver, ela consiste, segundo Deleuze, em uma operação de dobrar a linha do fora, enfrentá-la e cavalgá-la sem cair em um vazio irrespirável; neste sentido, a subjetividade aparece como uma morada provisória, pois a dobra da linha de força sobre si é uma maneira de se proteger, de se abrigar. A subjetivação para Michel Foucault é “o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade que não é senão uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si”. In: IONTA, Marilda. **As cores da amizade**, op. cit., p. 2

relações tecidas pelas *cartas enviadas* e pelas *cartas recebidas*; a capacidade transformadora (etho-poética) da escrita para Clarice Lispector; a auto-constituição como um confronto exercido consigo mesma e com o outro, um cuidado de si que aparece como *uma dobra*, uma condição do cuidado dos outros, um movimento de si para o outro. Neste sentido, a elaboração de si é algo que se dá com uma dialógica pois toda auto-apresentação², mesmo nas formas privadas da auto-biografia e do diário, está orientada intersubjetivamente, uma auto-encenação exige um outro como destinatário. O que Clarice *torna-se* e o que *diz* ao outro a quem se destina, através da correspondência, o que ela *obtem* de respostas: serão as questões a serem seguidas. Dessa maneira, segundo Foucault, a carta é uma forma privilegiada da escrita de si, pois correlaciona, simultaneamente, o trabalho consigo mesmo e a comunicação com outrem: é uma maneira de Clarice estilizar a própria existência no diálogo epistolar, constituir-se em suas relações de amizade. A carta, ao mesmo tempo em que está relacionada com o espaço do privado funciona como uma exteriorização de si, uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo (reversão da *linha do fora*, pois se tratará de dobrá-la, segundo Deleuze, sobre o *próximo* e o *longínquo*). Escrever é, pois, segundo Michel Foucault, se mostrar (ela que faz aparecer um próprio de si, de um rosto reinventado no espaço do entre, na direção de si para o outro). Estudaremos, então, a *literatura de si* criada por Clarice no exercício da amizade através das correspondências; é pelo ato de escrever cartas, o diálogo epistolar como forma de existência, como uma escritura que tenciona interioridade e exterioridade, privado e público, fechamento e abertura, que historicizamos a *constituição ética* de Clarice no espaço intersubjetivo da escritura epistolar e da amizade, uma forma própria dela se conduzir na vida. Qual o discurso acerca de si mesma que as cartas entremostam, escondem, tecem, afirmam? Que imagens de si suas cartas revelam? Que rosto nelas é escrito? Quais as singularidades dos elos elaborados por Clarice no espaço dialógico das missivas? Como as cartas funcionaram para ela enquanto espaço autônomo na constituição de si, de liberdade e de transformação de si? Estas questões levam a discutir a reabilitação da escrita como empresa ascética, como modo de subjetivação, isto é as maneiras pelas

² ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

quais Clarice participou de sua constituição no período em que escreveu e se relacionou através da correspondência com seus destinatários.

As cartas que compõem esta *poética de si* a ser estudada, foram escritas entre meados da década de 1940 e 1970, são produções que pertencem à esfera do íntimo, das emoções e dos afetos humanos; são retratos escritos muitas vezes para se esconder dos olhos públicos: diálogos de um modo de viver carregam as ambigüidades dos tempos modernos. Com o advento da modernidade, temos cada vez mais uma visão da vida voltada para a interioridade, para o campo do privado; o coração passa a centralizar a idéia de um “eu”, o sujeito se refugia e se busca no silêncio e na subtração ao mundo. As cartas e os diários representam uma nova maneira do indivíduo se voltar para si, buscar o verdadeiro do seu ser (dos sentimentos) na solidão e na particularidade. *O discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão*, dizia Barthes ao iniciar seus *Fragmentos*. De fato, nessas cartas de Clarice Lispector, deparamo-nos com um sujeito que se produz no cotidiano, no viver do dia-a-dia; as epístolas tornam-se uma imanência das máscaras, é o performativo, o ordinário da língua: a identidade não é fixa, o itinerário é cortante. “*É uma obrigação do ser passante, passar indefinidamente*”³. O indivíduo da modernidade, desse modo, oscila entre o descobrir-se e o mascarar-se, o exprimir-se e o calar-se. As cartas são esses *objetos-lembrança* capazes de fazer recordar uma relação que uniu ou aproximou pessoas e que a distância separou, criando a possibilidade de existência das correspondências (essas escritas da amizade da modernidade). Fragmentos de ação, as cartas guardam a pessoa, mantêm o calor do corpo humano e uma busca do eu e do outro *através da contemplação e do toque de uma lembrança*.⁴ Essa é uma forma de recordação cada vez mais freqüente no século XIX e no início do século XX. Esse discurso da separação é uma nova forma de relacionamento do sujeito na modernidade, um convívio instaurado no campo do testemunho; é um espaço onde o sujeito se subjetiva (toma a si com uma obra a

³ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, op. cit., p. 317

⁴ RANNUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger. *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 236.

desempenhar), fabrica a si mesmo e estiliza a própria existência; mantém uma relação do cuidado que se deve ter para consigo e para com outro.

A escrita epistolar torna-se assim um modo de escrever e de inventar a si próprio, mostrar-se, dar-se a ver a si e ao seu destinatário; é uma escrita elaborada sobre si na prática de uma amizade que não é mais a de uma convivência (uma falta constituinte da linguagem amorosa), mas a do possuir-se através de um gesto apenas, o gesto de lembrar e de escrever a quem se gosta, afeta: a quem se é necessário. A escrita de si como um trabalho de tomar-se a si como uma obra a desempenhar é uma autoria de si próprio: Clarice Lispector se esculpe literariamente nessas cartas, dêsvela o seu coração, é uma subjetividade tecida nessas cartas. As cartas, para Deleuze⁵, em virtude de seu gênero, conservam a dualidade de dois sujeitos: um sujeito da enunciação (como forma de expressão que escreve a carta) e um sujeito do enunciado (como forma de conteúdo de conteúdo do qual a carta fala). É, pois, em toda a ambigüidade dessa relação, que se aborda o problema do sujeito e sua escritura (de cartas, de diários). A operatividade historiográfica, para falar como Michel de Certeau,⁶ volta a sua atenção e interrogação para a questão do sujeito (do corpo e da palavra enunciativa). Vida escrita na história.

Pareceu-me possível explorar o discurso da amizade dessas cartas, *dizê-lo*, fazer desse discurso o objeto de uma produção sobre a constituição de um si mesmo no espaço da intersubjetividade. São discursos que desenham retratos singulares de si da autora, artes de se conduzir na vida através da escrita e de buscar as formas de escrever um modo de estar consigo mesmo e com os outros (de aprender a viver). “*Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima*” (Clarice Lispector). É, portanto, um questionamento sobre o sujeito e sua relação com a escrita (a autoria de si), suas tecnologias de autoconstituição (cartas, diários), metamorfoses e dilaceramento. Os estudos do “último Foucault”⁷ sobre a

⁵ Ver IONTA, Marilda. **As cores da amizade**, op. cit.

⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, op. cit., p. 11

⁷ Ver FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003 e **História da sexualidade: o cuidado de si**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

hermenêutica de si e o dizer verdadeiro⁸ serviram, de ponta a ponta, para esse trabalho sobre os modos de subjetivação através da escrita de correspondências, do sujeito que faz do ato de escrever uma estratégia de constituição de si, uma maneira de se fabricar estética e eticamente, de singularizar suas relações e seus vínculos intersubjetivos mediante a comunicação com outrem. Trata-se de um Foucault em sua última fase este que aqui fazemos uso, quando o filósofo já se questiona sobre os modos de subjetivação, a constituição de si do sujeito, o modo como nos tornamos sujeitos de nossa própria vivência; a possibilidade de um modo de vida não tanto já sobre os poderes e os saberes, do que fazem dizer ou do que dizem, mas a partir de quando exercemos sobre nossos corpos tecnologias, práticas de si, processos de constituição, tudo o que faz de uma existência algo de belo, artístico. Essa virada teórica responde, em Foucault, a uma nova exigência, mais profunda, mais trágica, pois está ligada à potência que o sujeito exerce sobre o próprio corpo, uma potência que, por vezes, é muito forte, tornando-se insuportável até para aquele que a vive; um limiar entre o viver e o morrer, talvez o ponto mais intenso dessas vidas, onde se concentram toda a sua energia, suas dores, seus prazeres.

Esta hermenêutica de si é um desprendimento de si próprio, do sujeito que se constrói e desmancha incessantemente, faz de si e de suas atividades uma arte de viver, uma estética do existir. Autor de si próprio, o indivíduo mantém uma relação com a verdade que não é mais a de um conhecimento, da descoberta de um saber verdadeiro, mas a do viver verdadeiro, viver a verdade própria a cada corpo, a cada existência, a cada relação. Trata-se ainda, segundo Foucault, de analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, ou seja, descobrir, no falar e no escrever (nos afetos), a verdade de seu ser. Desse modo, essa história se volta para as condições nas quais Clarice Lispector enquanto sujeito de escritura problematiza a sua existência; não estaríamos enganados se dissessemos que a escrita de cartas, como uma escrita de si, constitui umas dessas práticas refletidas e voluntárias; o sujeito escrevente, neste

⁸ Sobre o conceito de *Parrhesia* ver ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**, op. cit. “Se conheço a verdade me transformarei. Talvez me salve ou morra.” (103)

espaço, “*não somente se fixa regras de conduta, como também procura se transformar, modificar-se em seu singular e fazer da vida uma obra de arte que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*”.⁹ É toda uma literatura de si que é, assim, questionada, experimentada, vivida, escrita; os traços escriturísticos confundem-se com os contornos da existência e o indivíduo torna-se um corpo escrito (ou a escrever).

A genealogia de si: ela parte do cuidado, da dobra e da escrita de si do sujeito.

A fabricação de si do sujeito exerce-se no espaço dialógico da escrita epistolar, as correspondências aparecem então como uma técnica de si: são estratégias a que recorre um indivíduo escritor de cartas (o sujeito de uma prática) que faz do próprio ato de enunciar-se, o gesto incessante de construir e reinventar a si próprio, para si e para seu destinatário: “*A correspondência – um texto por definição destinado ao outro – ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando, tanto o destinatário quanto o remetente, a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em suas vidas cotidianas e também auxilia na avaliação do que se passa na alma e no corpo do sujeito que escreve e daquele que lê*”.¹⁰ Michel Foucault em seus estudos sobre as *artes de si* mesmo (a estética da existência e o governo de si e dos outros na cultura greco-romana) apontava o papel da escrita na cultura filosófica de si: como elemento da elaboração de si, a escrita tem uma função *etho-poética* (expressão encontrada em Plutarco), “*é um operador da transformação da verdade em ethos*”;¹¹ esta atividade etho-poética da escrita como auto formação e auto transformação em Plutarco, ele reencontra na literatura moderna: “*aparece o escritor moderno em certa medida relatado ou unido aos primeiros ascetas cristãos, ou aos primeiros mártires cristãos. (...) Penso que o mesmo problema da relação entre a hermenêutica de si e o desaparecimento de si – sacrifício, negação de si – constitui o núcleo da experiência*

⁹ FOUCAULT, Michel. **O uso dos prazeres**, op. cit., p. 5

¹⁰ IONTA, Marilda. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade**. (Tese de doutorado). Campinas: IFCH-UNICAMP, 2004. p. 171

¹¹ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** 6 ed. Lisboa: Veja/Passagens, 2006. p. 134

literária do mundo moderno”;¹² ela faz afastar-se e a si mesmo retornar. A capacidade transformadora da escrita, diz Ortega, é uma constante nos trabalhos de Foucault sobre a literatura desde os anos 1960; nos estudos sobre Roussel, Blanchot, Bataille, Klossovsky, o que lhe interessava era tomar a escrita enquanto uma experiência des-subjetivante (“*A fala da fala nos leva à literatura, mas talvez também a outros caminhos, a esse exterior onde desaparece o sujeito que fala*”¹³), esta escrita transgressora que se erige em um espaço de toda exterioridade possível, sempre em relação com o fora (estar no exterior e a ele retornar) era susceptível de opor-se ao sujeito arqueológico; enquanto que nos anos 1980, a temática da escrita emerge, antes, como um trabalho de auto constituição do sujeito (“*escreve-se não é nem para os outros nem porque se é o que se é: escreve-se para ser diferente do que se é*”¹⁴), ela torna-se uma operação sobre si mesmo, uma fabricação de si enquanto dobra da exterioridade em uma interioridade de espera. Trata-se, portanto, das dobras da escrita sobre si: des-dobrá-la (fazer com que a linha afete outras forças), re-dobrá-la (fazer com que a linha de força retorne sobre si)¹⁵.

Dobras, re-dobras, des-dobras: a vida como obra de arte: a subjetivação surge como uma dobra, um afetar-se a si mesmo, uma re-dobra da linha de poder. Para Deleuze, em Foucault sempre se trata do pensamento sobre as dobras: a constituição de um dentro como obra de um fora. “*É como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvarem-se para formar um forro e deixar surgir uma relação consigo, constituir um dentro que se escava e se desenvolve segundo uma dimensão própria*”.¹⁶ A auto constituição torna-se, assim, o produto de um duplo desligamento das redes do saber e do poder: o si mesmo é a nova possibilidade estratégica. “*Tudo desapareceu*”, dizia Medeia, “*mas uma coisa me restou: eu*”.¹⁷

¹² Michel Foucault apud ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**, op. cit., p. 62

¹³ FOUCAULT, Michel. “O pensamento do exterior”. In: **Estética**, op. cit., 221

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **Estética**, op. cit., p. 407

¹⁵ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. **Foucault**, op. cit., p. 107

¹⁷ VEYNE, Paul. O último Foucault e sua moral. **Critique**. Paris, vol. XLII, n. 471-472, 1985. (Tradução)

Nessa história da produção de si da escritora Clarice Lispector será preciso analisar os textos na medida em que eles se constituem em uma etho-poética da escrita. Cartas e escrita de si: o funcionamento da escrita como dobra da força sobre si. Será uma história genealógica das práticas de si: da amizade através da correspondência. Teias de escrita epistolar, artes da amizade: a subjetividade delinea-se como morada provisória. Ser a devir, a estar: a análise das cartas de Clarice constitui-se em uma instigante tentativa de perceber a constituição de si no espaço da intersubjetividade. Estas cartas que se apresentam em diferentes cores, criam o distanciamento em relação a um tempo onde escrevê-las era uma prática efetiva. Nelas, estilo quer dizer distinção, estilização da própria existência, torná-la obra digna de valor. Escritora-artista que é também uma artesã de si: esta obra de arte deve ser mesmo uma (d)obra, tomada no sentido que Foucault buscou nos gregos. O eu se põe a si mesmo como uma tarefa a desempenhar, trabalho de si sobre si, auto-estilização, estética de si. Clarice Lispector, ser singular, tecido da memória e do tempo: é o que nos propomos aqui estudar.

Literatura de impressões quase mudas, essa *literatura de si* é o espaço de uma produção permanente de si mesmo, uma vida de algumas poucas linhas, frases ou palavras que faz das relações consigo e com o outro o incessante inventar-se e recriar-se em seus modos de escrever, de ser, estar e sentir: “*a escrita epistolar permite ao indivíduo criar uma literatura de si, e vale ressaltar que essa literatura é tão transgressiva quanto aquela que visa transpor os limites da linguagem, pois nesse caso específico, trata-se de reinventar a si mesmo, de transpor o limite do que somos no espaço do ‘entre’*”.¹⁸ É uma vida de autoria de si mesmo: nestas cartas, entrevemos, Clarice Lispector desenha os contornos de sua existência, do seu fazer-se como obra de arte através da prática intersubjetiva da escrita epistolar e da amizade. Discursos que fabricam imagens de si, as correspondências entremostam, escondem, tecem afirmam a singularidade dos retratos de si nestes textos escritos, dizem as teias de uma amizade nelas sustentadas e, por vezes, nestes mesmos fios despedaçada: “*Quanto a escrever a amigos do Brasil, querida, eles não me respondem... é ridículo não é? Não escrevo*

¹⁸ IONTA, Marilda. **As cores da amizade**, op. cit., 171

*mais. Mas não tem importância. Peço-lhe, Tânia querida, que não se preocupe comigo. Eu sou muito feliz. // Estou bem e alegre. Quando puder darei um pulo ao Brasil, e você verá que, feliz ou infelizmente, sou a mesma de sempre. E você se irritará comigo e preferirá que eu viva muito bem.. mas longe. Estou muito bem e feliz”.*¹⁹ A autoria de si de Clarice Lispector através das próprias maquinações textuais é o viver no texto (a *intertextualidade*²⁰ de que fala Barthes), o narrar-se nestas escritas íntimas; neste saber de si o indivíduo deve decodificar a si mesmo, questionar-se na sua relação com a verdade e praticar a verbalização como o instrumento positivo para a constituição de si. A escrita da correspondência aparece, então, como uma técnica de si por meio da qual o sujeito se constitui na relação de si para consigo e para com o outro: “*reflexão sobre os modos de vida, sobre as escolhas da existência, sobre o modo de regular a sua conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios*”²¹; é um profundo trabalho do conhecimento de si, a possibilidade para a *auto-elaboração* através do dizer verdadeiro. A escrita torna-se este esforço de desprendimento de si: sacrifício de si e transposição em outras coisas, em outro tempo, em outra luz.

Esta teia discursiva em que Clarice Lispector se insere, faz parte de toda uma *maneira de falar*, de uma estratégia para a construção de certa imagem de si; triunfa aí, talvez, o desejo de ser o que se escreve. Talvez sentir essa vida (seus gestos) seja mesmo como um revirar da velha caixa de cartas, ou como tentar escrever a um corpo que se distanciou, esse olhar não o traria (apenas o desejaria): “*desculpe, não estou mais ouvindo, a distância é grande, minha ‘aura’ está acabando e o esforço desta comunicação é tão sobre-humano que mal tenho força de assinar*”(Clarice Lispector).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹⁹ Idem, p. 76-77

²⁰ BARTHES, Roland. **O prazer do texto**, op. cit., p. 49. “É bem isto o intertexto: a impossibilidade de viver fora do texto infinito, seja ele o jornal diário ou Proust”.

²¹ Michel Foucault apud DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Campinas: UNICAMP-IFCH, 2003, p. 259

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Íntimas histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico. In: **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ **A preparação do romance II: a obra como vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____ **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

_____ As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjativação). In: **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____ **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Campinas: UNICAMP-IFCH, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos III)

_____ A escrita de si. In: **O que é um autor?** 6 ed. Lisboa: Veja/Passagens, 2006.

_____ **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____ **História da sexualidade: o cuidado de si**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HARA, Tony. **Saber noturno: uma antologia de vidas errantes**. São Paulo: IFCH-UNICAMP, 2004.

IONTA, Marilda. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade**. Campinas: UNICAMP, 2004. (Tese de doutorado)

_____ A poética do sigilo: cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade. In: **XXIII Simpósio Nacional de História: História Guerra e Paz**, 2005, Londrina-PR.

- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____ **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- _____ **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____ **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____ Estilística da amizade. In: BRANCO, Guilherme Castelo; PORTOCARRERO, Vera. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- RANNUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VEYNE, Paul. O último Foucault e sua moral. **Critique**. Paris, vol. XLII, n. 471-472, 1985. (Tradução).